



PYRILAMPO

FOLHA QUINZENAL LITTERARIA E PHILOSOPHICA

DEDICADA ÀS DAMAS BRACARENSES

Directores—JULIO CARDOSO e ALVARO SEQUEIRA

Administradores—PEIXOTO JUNIOR e FIGUEIREDO E CASTRO

MYSTERIOSA

Q. A.

Quando eu senti rugirem no meu cerebro morção as ondas sanguineas produzindo torrentes de ideias que marchavam em tropel em confusão... quando eu as senti esmagarem-se, cahotisarem-se enfim, tornando-se n'um turbilhão onde só vejeta como um ponto luminoso uma ideia fixa, uma ideia tenaz... quando eu senti o sangue escaldar-me as paredes do coração, agitar-se nas arterias em correntes gigantescas e titanicas, quando eu senti que o seu olhar produzia em mim uma corrente magnetica que me percorria todo o corpo desde a mais delicada fibra até ao mais complicado orgão, então eu cri que amava, e rasguei o veo do cynismo que me encrespava os labios, e surgi então á nova luz do amor.

Foi n'um templo que eu a vi, quando o orgão gigantesco deitava através dos seus mil tubos de estanho ondas de ar que se quebravam de encontro aos labios metallicos, transformando-se em musica que se reflectia nas abobodas do templo.

É-me impossivel descrevel-a. Pintar n'uma tela uma mulher dar-lhe o colorido proprio, desenhar-lhe as feições contornar-lhe os membros, dispor-lhe os cabellos, é facil para'o pintor... mas dar a vida, a luz, á sua criação é impossivel... não a poderá nunca fazer.

Dizei que era formosa como uma estrella? não! Esses mundos de luz redondos como lagrimas, terão tudo o que inspira um lyrico, mas nunca terão os encantos que inspiram o amante. É necessario que os traços sejam rudes mas fieis, toscos mas firmes. Não a posso descrever mas enumerar-lhe-hei os encantos e as bellezas.

N'um rosto branco-palido como as petalas da acuçena estão dispostos uns olhos negros como a noite e luminosos como o sol; as pestanas longas e avelludadas parecem de setim; linhas de velludo substituem-lhe as sobrancelhas. A bocca é pequena, mimosa, e ao abrir-se n'um sorriso, mostra um estojo de perolas.

As linhas do rosto são fortes e profundas. Imagine-se agora uma corôa, um turbante negro de cabellos que se enrolam, que se frisam, que se sobrepoem errissados para depois finos, sedosos e brilhantes como luz, virem desenhar sobre a testa eburnea um bandô negro!

Que reunião de bellezas.

D'entré uma multidão de velludos e de sedas destaca-te esta cabeça soberba, que só por si valia um poema, que só por si destruiria as esplendidas creações dos paes da Arte. Encontre-se n'um a estatua as formas divinaes da *Mysteriosa*, arranque-

se do mundo da poesia real um vulto tão estupendo que eu artista ajoelharei!

É pintar uma estatua; tem o colorido falta-lhe a divina luz, tem as formas falta-lhe a vida

É por uma mulher assim que eu ando louco, é por essa mulher que eu chamo *Mysteriosa* que escrevo este romance. Aballado e entontecido pelo revoltear dos sentimentos arranquei poemas do coração, retalhei com um bisturi phantastico a minha alma, e escrevi esta historia:

II

L'amour ne vit que de mystere et de crainte
(M.^{me} E. de Girardin)

E esta historia é a historia d'uma vida.

É a historia d'uma mulher que com uma só palavra esmagou — todas as molas d'aço em que se sustentava um coração viril.

Remi curvou a cabeça ao seu desejo e tornou-se mudo como uma sphinge. Que lhe importa que o coração não bata, dominado por uma força de gigante? Que lhe importa que a alma no seu ultimo arranco suspire por ella?

A sympathia que lhe tinha era um sentimento tão commum que querendo dividil-a matou-a. O olhar d'ella era um olhar magnetico que o não deixava ser senhor das suas acções, que o não deixava ter a energia de homem, a força de vontade sufficiente para suspender no peito essas correntes galvanicas ou anti-galvanicas que lhe faziam perder o instincto do—quero—para o transformarem n'uma estatua que não tinha a rigidez do marmore, mas tinha a sua insensibilidade.

—Só tu, *Mysteriosa*, me podes-te arrancar do templo dos sonhos e das illuzões; d'uma creança fizes-te um homem.

Pobre Remi! Elle que aborrecia todas as mulheres, elle que as desprezava porque as achava uns seres rachiticos, delicados... sentia todavia um vacuo na alma que não podia ser prehenchido senão pelo amor.

Em quem dedicaria Remi o seu affecto? N'uma estatua? n'uma sphinge? não!

E sofria por não encontrar quem lhe povoasse com um affecto puro a sua alma; via as mulheres mas achava-as todas tão vulgares!...

E o amor d'elle era um amor puro, grande, ideal, que não se poderia contentar com o vulgar.

Uma vez entrou na Sé! Foi mirando com um olhar philosophico todas as mulheres que assistiam á festa; via apenas caras vulgarissimas que lhe causavam tedio, e pena; mas de repente uma força de gigante suspendeu-o; estremeceu e parou com os olhos fitos n'uma mulher; e essa mulher era a mulher que o mataria depois, essa mulher... essa mulher era a morte!

Remi concentrou toda a sua força no seu olhar e derramou sobre ella ondas de luz magnetica como se quizesse chamal-a tambem á luz do seu amor. O seu sorrir sereno lembrava-lhe o sorrir d'um anjo, e esse sorrir seria a vida de Remi se não tivesse sido a sua morte.

Sentia-se attrahido para ella por uma força de fascinação inexplicavel mas que derrotava as suas ideias, que rasgava todas as theorias que o seu espirito *estupido* tinha dado ao genero humano em geral, e ás mulheres em particular.

Quiz fugir-lhe! Mas era uma fuga phantastica porque se não via a mulher, via a sua imagem na ideia. Que combate teria o pobre Remi para dominar o espirito pela materia! Foi ella o Christo que redemiu as mulheres... foi ella que lhes abriu um novo mundo na alma de Remi.

Só fugir-lhe!

Mas se amava a imagem que tinha pintada na alma como poderia deixar de amar o modelo vivo d'essa pintura? Amar uma estatua fria, muda, insensivel, quando ao pé d'ella repousa uma mulher que regorgita de vida e de amor...; amar uma pintura phantastica onde o sangue está coalhado nas faces pelo pincel do artista, onde os olhos inertes se fitam n'um só logar, onde os seios não pululam, onde os labios estão frios e mudos, onde o corpo é de gelo... e ter ao lado o modelo vivo d'essa pintura, um modelo esplendido em que o coração está cheio de sangue quente, em que as arterias animam os órgãos com o seu conteúdo, onde os olhos negros deitam luz e poderão pintar na retina a sua imagem, era impossivel, (!) um coração de pedra voltaria á vida.

E o pobre Remi ia assim pensando e delirante fitava os seus olhos sobre a mysteriosa desconhecida por quem estava já louco de amor.

Ella enfim voltou os olhos. Fez-lhe impressão o olhar espantado de Remi porque o fitou durante alguns segundos. Os

raios luminosos dos seus olhares crusaram-se e sellaram-se com um beijo de luz o principio d'um amor.

Depois cahiu no mutismo d'antes; a estatua galvanisara-se durante alguns segundos tornando-se uma mulher para depois ficar outra vez immovevel como uma sphunge.

Debalde Remi interrogava com os olhos aquelle rosto, debalde procurava a luz d'aquelles olhos negros como a noute... na retina desenhava-se-lhe sómente uma imagem e essa imagem não se movia.

Depois quando acabava a festa religiosa, ella ergueu-se com um ar de soberania, lançou um olhar vago em redor e sahio da igreja.

Então quebrou-se o encanto de Remi, sentiu-se envergonhado da lucta que contrahira com o seu espirito gigante.

Paraceu prescrutar a sua vida, as revoluções phrenologicas que se tinham operado no seu ser; depois seguiu meditabundo atraz d'ella combatendo sempre uma ideia que lhe occupava o cerebro — a ideia do amor.

Porfim extenuado d'esta lucta titanica arrancou do peito estas palavras memoraveis acompanhadas d'um gesto de desespero.

— Maldição sobre mim que amo uma mulher!

(Continua)

Julio Cardoso.

A MARQUES PINTO

Parece o teu violino um ninho esplendoroso,
—Maravilha gentil do grande stradivarius—
Onde dorme a sonhar um bando luminoso
D'alegres rouxinoes e joviaes canarios.

E á doce vibração do teu arco encantado
Acordam festivaes as innocentes aves,
E entram a gorgejar nas notas mais suaves
Do hymno de tua festa o canto immaculado.

Tu tiras do violino a execução brilhante
Da veia musical de Charles Beriot:
E dás relevo ao som e a gamma é scintillante
como a escada de luz que em sonhos viu Jacob.

Não sei que sentimento imprime ás vibrações
A tua alma febril, chrysalida inquieta,
Que em arroubos de luz sentem os corações
A dor de Triboulet e o amor de Julieta!

O som é como o mar: eleva os escarceus
E ondulações febris, magneticas e grandes
Dos Alpés ao Vezuvio, ao Etna, aos Pyrineos,
«Das pias do Himalaya ao pincaro dos Andes»

E foi n'esta corrente enorme estrepitante
Que Hayda se banhó e se deixou sentir...
O purismo do som achou-o Mercadante,
E a musical via-lactea achou-a Meyerbeer.

E tu banhas tambem n'essa onda immensa, oceanica
O genio creador d'uma alma ardente e joven...
E no teu rosto imprime a ondulação galvanica
A aureola da luz de Shubert e Beethoven!

Porto, 15 Maio 1876.

Jayme Filinto.

QUE RECORDAÇÕES!

(Continuado de pag. 4)

Em janeiro de 1856 sahiu á luz depois de laborioso parto, o primeiro numero do *Murmurio*. Não trazia *folha de rosto*, como em 1862 verificou o illustre auctor do *Diccionario Bibliographico*.

Diziamos nós que era o *Murmurio* o primeiro jornal litterario nado e creado na formosa capital da provincia do Minho; e tiravamos d'esta circumstancia — não sei hoje dizer porque — umas glorias por ahi alem, de que muito nos insoberbeciamos. A final, já outro fora o primo genito, a ser verdade que 1836 fica para traz de 1856. Porém, isto só se soube mais tarde.

O que é certo é que o apparecimento do *Murmurio* foi um dia de festa para... os seus redactores. Liam-no baixo, reliam-no alto, sabiam-no de cór e queriam que as familias o soubessem tambem. Fallavam d'elle a toda a gente, perguntavam por elle a quantos encontravam, e no santo furor do doutrinamento, emprestavam-no aos embeccis que não queriam ser assignantes!

Atravez das lagrimas que nos toldam a vista n'este momento, estou a ver o brilhar d'aquelles olhos fechados para sempre, a alegria d'aquelles rostos já comidos pela terra...

O *Murmurio* durou um anno, — uma eternidade e n'elle se estreadam talentos que seriam primor das letras portuguezas se Deus os deixa-se viver.

Quer saber os nomes d'elles?

Avivemos estas tristissimas recordações.

Gabriel de Moura Continho, uma intelligencia que era a admiração constante dos seus mestres, morreu com vinte e quatro annos, tendo sido recebido como noviço no Collegio de Loyola da Companhia de Jesus, em Hespanha.

João Joaquim d'Almeida Braga, poeta e prosador distincto; typo de candura e de

virtudes, morreu com pouco mais de vinte annos:

Joaquim J. de S. Torres e Almeida, para quem se abriam de par em par os portões do mais largo e esplendente futuro n'esta terra morreu aos trinta sendo ajudante do procurador geral da Coroa.

O ultimo dos quatro vive; e é quem com a mão tremula de commoção e os olhos rasos de lagrimas, lagrimas que são saudade e tristeza... escreve estas linhas!

Devia ou não intristecer-me o convite que me fez para escrever no *pyrilampo*, quando sei que tem desoito annos, e que volvidos vinte...

Aquelle ancião de 40 annos vive ainda e ha-de viver muito e para gloria das letras e continuo conselheiro litterario de todos os que o ouvem e consultam como amigo, e como mestre. É o doutor J. J. da Silva Pereira Caldas.

Fernando Castiço.

SATAN

Não lhe enervam a alma os spleens modernos
As doenças da moda, os tedios somnolentos
Nem costuma ir buscar remedio aos seus tormentos
No morno referver dos calidos falernos.

Mas dizem que é tristonho assim como os infernos
Os seus passos reaes de rubros aposentos,
Quando pensa na vida e vê por seus tormentos
Que pertence tambem á classe dos eternos.

Predispoe como o deus do raio e do corisco
E recebe por anno um grandiozo fisco,
As almas dos mortaes que morrem sem vintem.

E' grande e poderoso é immenso como o espaço,
E' o symbolo do mal, é o typo do devasso,
A rude criação malevola do bem.

Ricardo Beça.

IMPROVISO

É triste, ouvir tanger um dobre de finados!
É triste, a solidão, as trevas da orphandade!...
É triste, da miseria, ouvir os ais magoados!...
Mas é mais triste ainda, a dôr d'uma saudade!

Porto, 1879.

Clorinda de Macedo.

O NATAL

A...

Diante da minha penna desinquieta e essencialmente democrática, que repelle pressões autoritárias e não póde, por mais que faça, curvar-se ao mando convencional e despotico de um determinado assumpto, sorrim n'este momento quadros seductores e luminosos, penetrados de uma casta e doce poesia familiar.

Uma meza coberta de linho fresco e alvo, como um altar; nas cabeceiras da meza, a mulher, não a Sulamite voluptuosa das nupcias pagãs, porém, a esposa honesta do Christianismo, apaixonada para os filhos, gravemente terna para o marido, exemplar de respeitos para a sociedade; e o marido, que, saindo, mergulhador arrojado, das tempestades da politica, do fôro, da imprensa, da alta e baixa, por vezes traiçoeira e mortifera, do jogo dos fundos, repousa ali, no cabeçal de flores dos affectos intimos, a cabeça encanecida e trabalhada pela meditação.

Em torno da meza, constellada de flores, ajardinada como um canteiro fecundado pelo sol da primavera, impregnada do aroma das iguarias, onde os crystaes irradiam o matiz dos vinhos generosos, que pulam, effervescentes e tentadores, como uma dissolução de rubis e topazios, em torno d'essa meza, tabernaculo, quente, balsamica, radiosa, perfila-se uma legião archangelica de crianças. Os seus olhos pasmados, limpidos, brilhantes de prazer, cravam-se obstinados na pyramide multicolor de *bombons*, penetram insistentemente o contheudo das compoteiras onde, n'um arroio de calda dulcissima, côr de ouro fulvo, dançam choreias de peras, pecegos e maçãs, interrogam, curiosos, os pratos cobertos e os pudins mysteriosos...

Em cada boquinha rubra, como um bago de romã, do anjo loiro, objecto do enlevo fetichista do pae e da mãe, que dirigem, nos extremos da meza, a manobra da deglutição, occulta-se um bico de pardal voraz e guloso. As vozes chilreiam — uma alvorada de rouxinoes!... — os corações palpitam, lembrando — oh! ingenuos e tenros corações de ave!... o thesouro que se lhes facultou na vespera, pendurado das viridentes e luminosas vergontes das arvores do Natal! os estomagos fremem impacientes calculando se lhes será permittido absorver a compota, monopolisar o pudim, fazer clareza no prato, n'aquelle feiticcio e cubigado prato dos bolos!... As perguntas cruzam-se no ar, as gargalhadas, frescas e argentinas, enchem a caza e vão afagar o ouvido attento da mãe e desavincar a testa enrugada do pae.

É o jantar do Natal, a festa do lar, o ponto de reunião da familia, para o qual os anjos devem sorrir, se é licito crer que elles se dão ao incommodo de espreitar, da janella paradisiaca do infinito, para este miserriimo planeta sublunar!...

Aqui tens tu o quadro interior, por ventura burguez e vulgar, porém, repousado, ditoso, abundante de fortes emanações saudaveis, como o das telas hollandezas, que esta época do anno, ou talvez o capricho da fantasia, impõe, no momento em que te escrevo, querida, ao emprego da minha penna.

(Continua)

Guimar Torrezão.

AOS ANOS DE...

«No arredado porvir (Protheo dizia
«Lá nas passadas eras), fausto e bello
«Ha-de um dia surgir, dos ceos disvello,
«De Jove amor, da terra sympathia.

«Os Amores, as Graças á porfia,
«Com rosas jasmims hão-de prendel-o;
«Ha-de o Tempo em seus braços recebe-lo
«P'ra dal-o ao mundo absorto d'alegria.»

Esse Dia chegou; foi de teus annos
Notanio, o ledo instante afectado
Que Protheo decifrava em seus arcanos.

Venus sorriu-se; e Apollo despeitado,
Invejoso de teus dotes sob'ranos,
= Um pouco a luz perdêu como enfiado.

Correia Junior.

ACROSTICO

Fazia um ceo d'amor e a rosa da amplidão
Rolava docemente a fronte pelo anil;
A brisa era um soluço em doce vibração.
M'essa noite, que noite de amoroso Abril,
C ollei-te sobre a face o meu primeiro beijo...
I nstante divinal n'um só trocamos mil.
S ubiam-te no rosto as pétalas do pêjo.
C asadas n'um olhar ardente, puro, ethereo.
V alit então que prazer que sensual harpêjo!

Braga, Fevereiro de 79.

Alvaro Sequeira.

O CIDADÃO PHYLANTROPO

PRIMEIRO JORNAL BRACARENSE

I. — Começou no Porto a publicação do «primeiro jornal bracarense» em 1836.

Tinha por título *O Cidadão Philanthropo*, e appareceu a lume no mez d'Abril.

Era mensal, e no formato de 4.º, com o «moto» de *jornal politico, litterario, e recreativo*.

Foi seu redactor o finado *D. João d'Azevedo*, oriundo da «caza da Tapada» no proximo concelho d'Amares — uma das nobillimas da provincia do Minho, no districto de Braga.

II. — Consta de só 8 n.ºs a «collecção» do *Cidadão Philanthropo*, não obstante chegar *D. João d'Azevedo*, a coordenar o n.º 9.

Até o n.º 7, fez-se no Porto a «tiragem typographica, na *Imprensa de Coutinho*, estabelecida então na rua da Fabrica, n.º 35.

Do n.º 8, unico sem rosto especial; fez-se a impressão em Braga, na *Typographia Bracarense*, estabelecida então de novo na cidade — n'uma saleta do governo civil, no paço archiepiscopal.

III. — Não continha «cada n.º» a mesma porção de *paginas*. — Tinham «mais ou menos».

No 1.º, ha 32; e no 2.º, 23. — Era no entanto seguida a numeração; e por isso finda o n.º 8 na pag. 212.

No que havia «regularidade», era na porção de *secções* de cada n.º: — «Politica, Litteratura, Poesia, Variedades». — Não eram no entanto «uniformes» em todos os «mezes».

IV. — Na secção consagrada á POESIA, ha carmes estimadas de *D. João d'Azevedo*, «originaes uns, e versões outros».

Entre estas «versões», avultam carmes mimosos de *Lamartine*, *Millevoye*, e *Victor Hugo*, com alguns de *Lord Byron*, «passados do francez ao portuguez, e não directamente do inglez».

V. — Eis-aqui uma «produção original» de *D. João d'Azevedo*, como exemplo da «especie poetica»:

«Perdoa, doce bem, ó Lilia amante,
«Os desvarios meus, genio perjuro:
«Perdoa, doce bem: Lilia, eu to juro,
«Não sou qual d'antes fui; sou mais constante.

«Embora zelos sinta a cada instante,
«Somente contra mim queixas murmuro:
«Um castigo mer'ci; e o fado escuro
«No crime cruel deu-mo bastante.

«Sei que era amado; sei que fui ditoso:
«Ganhei teu coração: Numas! que digo!
«Insano desprezei o dom precioso!

«Se o não recuperar, resta o jazigo.
«Será força o morrer? Morrã gostoso;
«Porque o zêlo tambem morre comigo.

VI. — Eis-aqui uma «versão poetica» de *D. João d'Azevedo*, como exemplo de «carmes soltos».

«Nascer co'as flores e morrer com ellas;
«Sobre as aças do zephyro pousar-se;
«E d'entre os seios de purpurea rosa,
«Extrahindo o prazer d'algo perfume,
«Ir nos arés depois, qual leve sôpro,
«As asas saccudir — eis o destino,
«O myst'rioso sêr da borboleta.

«Qual o desejo é, tal é seu fado:
«Um momento não pausa: um gôso é nada:
«Meritos gôsos ancea; a cento os prova:
«E sem que um d'elles ávida a sacie,
«Lá volta emfim aos ceûs buscar delicias.

VII. — Sobram estes dois exemplos e «escolhidos entre os de menos versos», para especimen das poesias do *Cidadão Philanthropo*.

Na versão de *Lamartine*, de que damos a cópia, ha a singelleza do «original francez».

Quem não o conhecesse, tomaria esta «versão» por *produção portugueza*.

Era sempre assim *D. João d'Azevedo*, nas «versões» que nos dava.

VIII. — Depois do *Cidadão Philanthropo*, imprimiu-se ainda no Porto *A Republica das Letras* em 1875 — «publicação mensal tambem».

Consta de só 3 n.ºs a collecção, começada no mez d'Abril — «como tambem o *Cidadão Philanthropo*, e como elle tambem inultimada».

Imprimiu-se na *Typographia d'Antonio José da Silva Teixeira*, na rua da Cancellavelha, n.º 62.

Foi director d'esta publicação o *Dr. João Penha*, filho de Braga; e administrador, *Alfredo Campos*, «de Braga tambem por patria adoptiva».

IX. — Começou «tambem» agora no Porto o *Pyrilampo*, consagrado todo a Braga, e no mez d'Abril começou «tambem», como o *Cidadão Philanthropo* e a *Republica das Letras*. — Coincidençias singulares!

Oxalá que a mudança da «publicação», *quinzenal* em lugar de *mensal* — deixe longa vida ao *Pyrilampo*, coroando de louros e rosas os esforços dos seus directores: — um, filho d'aqui de Braga; e outro, em Braga

assistente outr'ora:—e ambos, alumnos meus de recordação saudosa, como escolares d'applicação e aproveitamento.

15—Abril—79

Pereira Caldas.

LE MOND MARCHE

O mundo tremé e aneeia! A velha monarchia
Percebe a cada hora seu ultimo instante;
E a pobre realéza, ja triste e suplicante,
Extorse-se convulsa nas vascas d'agonia!

Hoedel, Nobiling, Moncosi e Passavante,
Começam d'esde já a extravagante orgia
A voz da revol'ção, que os reis, á luz do dia,
Procura esmigalhar nos braços de gigante.

Troux da Liberdade a já esquecida voz!
De novo o povo acorda, e agora mais algoz,
Derrama o *sangue azul* da pobre realéza!

Levanta-se ao raiar d'essa fulgente aurora,
Ouvindo a alvorada, terrivel e canora,
— Os echos do canhão e o som da Marcelhêza! —

Vieno, 79.

C. Alberto de Magalhães.

NÃO AMES

Então eras tão bella
Que ver em ti julguei o anjo puro

LATINO GOELHO.

Eu vi-te, linda Maria!...
Em tua face mimosa
o setim alvo da rosa
tingia rubro pudor!
Eras bonina modesta
occulta na verde relva,
gorgeio d'ave na selva;
divino canto d'amor!

D'innocencia e de ventura,
eterno meigo sorriso;
nas harpas do paraíso,
uma nota de Siam!...
Estrella azul, fugitiva
pela quebrada dos montes;
musa suave das fontes,
em refulgente manhã!

Nas bellas tardes estivas,
da Mãe de Deos doce imagem,
passando do lago á margem,

regavas murcho o jasmim.
As auras brandas do Tejo
pelos teus hombros fagueiras,
beijavam ondas ligeiras
nas tranças d'um cherubim.

Amas-te e fugiu-te o encanto
que diffundias tão linda;
gentil, seductora ainda,
duvidoso é o olhar teu...
É que n'alma te morreram
meigas crenças de donzella
roubou-te amor a capella
que trouxeste — anjo — do ceo!...

Zulmira E. A. de Sá.

POESIA DAS RUINAS

(ESBOÇOS PHANTASMAGORICOS)

A ANTONIO TEIXEIRA DE SOUZA

(Continuado a pag. 7)

Achava-me sem saber como, mas talvez
arrastado por uma esplendida noute repleta
de luar, á beira mar, n'um bosquesinho
de pinheiros, esguios e altos semelhantes
a altas colunatas de templos abandonados,
sentado sobre um tronco, e olhando
o ceu esplendido d'uma noute de estio.

Fitava a lua, querendo, talvez, tornar-me
um moderno Romeu, roubando-lhe a
suave palidez, para depois ir desempenhar
um papel de Werther n'algum romance do
seculo futuro... declamando como Gilbert...
e suspirando como Millevoie.

Embalava-me o bater do mar ao longe...
e o rumorejar dos pinheiros por sobre a
minha cabeça...

Por entre as ramadas verdes bouquets
de verdura sustentados por toscas colunatas,
via-se o ceu azul recamado de estrellas
brilhantes — cortejo esplendido de fada dos
Romeus, a lua...

Depois puz-me a phantasiar; occor-
reram-me á ideia em tropel visões phan-
tasticas que se desfaziam de repente para
dar lugar a outras...

Fitando bem aquella massa de pinheiros
distanciados uns dos outros, o chão
todo de areia, as trepadeiras silvestres,
formando doces, entrelaçando-se, vestindo os
troncos de verdura, subindo até a ramada
para depois vir cair em bandós de verdura
entremeadas de flores brancas... reunindo-os
uns aos outros, estreitando um amplexo
de vida e de flores... occorreu-me á imagi-
nação um templo derrocado colocado no meio
d'um deserto...

A poesia das ruínas!...

E então o espirito tresloucou-se-me e transportei imaginariamente para aquelle logar as ruínas de Palmyra, e phantasei um esplendido quadro!

As arcarias altas esguias no estylo gotico formavam galerias d'uma perspectiva soberba... enormes corredores que conduziam ao reino imaginario da poesia.

Collocados em simetria... aqui uma columna partida mas ainda suspensa por um braço de era que a abraçava voluptuosamente, tinha em cima um bouquet de verdura que caia em festões...

O musgo saltando por entre os fundos das cornigens fazia uma admiravel contraste de belleza com o marmore das columnas...

As janellas ogivaes, das quaes ainda alguns vidros restavam, illuminava de variadas cores o quadro esplendido...

As arcarias crusavam-se; pela minha aproximação despertada, fugia uma pomba brava; o mocho piava; as andorinhas esvoaçavam em redor de mim...

Os fetos despontavam por entre os intersticios das pedras e guarneciam de verdura as arcarias e os montões de pedregulho...

Ali um pecegueiro substituia uma columna, sustentava um arco, e guarnecia-o de flores e de perfumes; entrelaçava-se-lhe uma trepadeira branca que deixava cair flores variadas suspensas por delgados fios de verdura...

E eu via escadas de marmore meias aruinadas, paredes em que os estofos se substituiam pelas plantas parasitas, fontes quebradas, lagos em que pululavam as rans... pinturas apagadas pelo tempo... estatuas revestidas de madre-silva... tumulos cobertos de violeta... epitaphios aivados e desenhados com rosmarinho cuja semente para alli levou o vento, tudo isto muito longo... as galerias muito extensas!

O quadro estava só...

De repente povoou-se a scena...

Chegava uma caravana.

Os egypcios sentavam-se fumando nos seus cachimbos enormes, e os camellos despontavam por entre as columnas; via-se através das janellas, das arcarias, o mar, os campos illuminados em cheio pela lua...

Aquella gente assim ao longe vista por entre as columnas goticas parecia ter-se recoberto d'um veu de poesia.

D'entre o grupo destacou-se uma joven egypcia com as tranças negras enfeitadas de perolas, o pequeno pé calçado em chinelinhas arabes. O luar illuminava-lhe o rosto trigueiro de feições fortemente accentuadas, os grandes olhos negros de cillios aveluda-

dos, e as fórmãs irreprehensíveis de Venus de Milo.

Caminhou para mim. Uma aureola de fogo parecia envolver-lhe o corpo, e uma harmonia longinqua, como a do órgão nos templos gothicos, parecia despertada na natureza pelos seus passos...

Era bella assim... bella como o creador da natureza!

O perfume oriental que se desprendia dos seus cabellos negros como ebano pullido bafejava-me o rosto; o coração e a alma pareciam ter-me voado as regiões ethereas de purissimo azul; a interrogar os anjos de que mundo viera aquella mulher...

Deslisava suavemente por entre as columnas partidas; os olhos negros deitavam uma luz que obscurecia o luar; faziam-lhe diadema milhares de soes...

Fallou-me de amor...

A sua voz suavissima era como um côro angelico...

Fallou-me de amor!

E eu estava estatico e mudo: uma força mais poderosa que a gravidade — o magnetismo das suas palavras, não me deixava mover...

Fallou-me de amor!

Que momentos deliciosos passei ouviu-do-a.

Fallou-me de amor...

Mas de repente surgiu d'entre as paredes denegridas pelo tempo um esqueleto... cresceu, caminhou e arrancou-nos ao nosso extasis...

Que frialdade a d'aquelle esqueleto!...

E a lua a mysteriosa filha da noite, tornara-se em medonha caveira, e o ceu azul em mar de sangue, e as trevas em gargalhadas infernaes, e as poeticas ruínas em mar de esqueletos...

Que frio meu Deus... que frio!

Acordei!

Onde vos occultas-te oh! filhas do ar que me adejaveis em torno de leito, formosas como estrellas, meigas como sonetos de Garcilasso?...

Augusto Remi.

OS TEUS OLHOS

Se fito attentamente
Os olhos teus formosos,
serenos, carinhosos,
d'um brilho refulgente,

Despertam vivamente
desejos amorosos
nos seios procellosos
do peito meu ardente.

Os astros rutilantes
que habitam os espaços
não teem o seu fulgor;

São paginas brilhantes
d'um livro cujos traços
são canticos d'amor!

Braga

L. Xavier de Brito.

PHYLOSOPHIA DOS ARABES

II

DESDE A PRIMEIRA PREGAÇÃO DO EVANGELHO
ATÉ MAHOMET.

(Continuado a pag. 2)

Os habitantes da Arabia ignoravam, quasi absolutamente, tudo o que tem o nome de sciencias. Elles mesmos não negavam isto, e lastimavam-se por a natureza lhes ter recusado os talentos com que tinha mimoscado os povos cultos, taes como os Gregos. Só cultivavam a eloquencia e a poesia, com que se deliciavam: a sua lingua, harmoniosa, rica, exprimia cheia de figuras, fornecia meios sufficientes para que ellas se alteassem. O successo brilhante de um orador ou de um poeta careava-lhes titulos gloriosos e honrosissimos. Convocavam todos os annos, em um logar chamado *Ocadh*, uma assemblea nacional, muito semelhante á de Olympia, onde se recitavam discursos e poemas, dos quaes aquelle que fosse reconhecido o melhor d'entre todos attrahia ao seu author applausos delirantes, e era em seguida cuidadosamente depositado em um templo chamado *Caaba*. Repugna conciliar este facto com a pintura que os proprios Arabes fazem da sua ignorancia e inaptidão para as sciencias do raciocinio. Não é nos poetas nem nos oradores que devemos procurar o espirito philosophico, a exactidão das ideias, as expressões precisas, o amor simples da verdade: — mas como suppôr tambem este gosto, esta paixão pela eloquencia e poesia em um povo ignorante, como alguns authores gregos caracterizam os Arabes, e elles mesmos confessam que o eram antes de Mahomet?

Alguns seculos antes do fundador da religião musulmana havia na Arabia um grande numero de Judeus e Christãos. Familias, tribus inteiras professavam uma e outra religião. Havia tambem entre elles *Magos*, isto é, homens que professavam a religião dos antigos Persas, adoradores dos astros e do fogo. Alguns seguiam, pelo menos em parte, as ideias dos Brahmanes in-

dios, dos gnosticós e dos platonicos. D'ahi nasceu, segundo as apparencias, a seita dos Sabeos divulgada então pela Arabia, e que não se deve confundir com os antigos Sabeos da Chaldeia, nem com os habitantes do antigo paiz de Sabá. Os Sabeos modernos, cuja seita subsistia anteriormente a Mahomet, e que era seguida pela maior parte dos Arabes, acreditavam em um Deus supremo, creador do Universo, a quem davam o nome de *Allah Taähla* (Deus supremo.)

Além d'isso admittiam os Sabeos outras intelligencias subalternas, a quem chamavam *Al Ilahât*, ou deusas. Suppunham estas deusas habitadoras dos astros, e assignavam uma a cada astro, á frente dos quaes punham o sol. Imputavam-lhes um grão de poder que, subjugando o Mundo, faria as estações e as diversas variações do tempo dependentes da sua vontade. Adoravam-nas offereciam-lhe sacrificios, como se fosse ao Deus supremo, o qual, muitas vezes, como lhes exprovara Mahomet, era o que recebia a menor parte das oblações. Emquanto a isto, justificavam-se os Sabeos dizendo — que o idolo tinha necessidade do que pertencia a Deus, mas que Deus não necessitava de coisa alguma. Isto prova que elles attribuiram a essas intelligencias um poder arrecadado e dependente de *Allah Taähla*.

(Continua)

Adolpho Sabar.

AINDA A ALBUERI

Não me ferem mulher os teus sorrisos
Repassado d'orgulho e de desdem
Se com elles tu tentas humilhar-me
Engano!... porque ativo eu sou tambem

Eu boiava nas auras do destino
Esteril como a planta das estradas,
Quando a voz do trabalho me bradou:
Vem a mim que sou fonte d'alvoradas

O pouco ou nada que no mundo sou
A sombra do trabalho o conquistei;
E' esse o meu orgulho, santo orgulho
Que sobe aos pes de Deus, aos pes da lei

E tu, louca, oppões teus pregaminhos
Já banidos do templo do progresso
Carcomidos andrajos do passado
Aos lethargos d'amor que te professo?...

És louca! não sabes que o trabalho
É um saerário de eterna melodia?
Que é seiva, amor, brazão, gloria?
Que lhe rende insensô a nobre fidalguia?

Dormita pois á sombra dos brazões
Adora o ouro e os rotos pregaminhos,
Enquanto eu o filho desherdado
Percorro do trabalho os mil espinhos!

Porto.

Peizoto Junior.